

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

VICTÓRIA LEIZER DOS SANTOS HOSTYN

**ATITUDES SEXISTAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DURANTE
SUAS AULAS, NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES E EX ESTUDANTES:
RELATOS E REFLEXÕES.**

Porto Alegre, 2016.

VICTÓRIA LEIZER DOS SANTOS HOSTYN

ATITUDES SEXISTAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DURANTE
SUAS AULAS: RELATOS E REFLEXÕES.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título em Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre

2016.

Victória Leizer dos Santos Hostyn

**ATITUDES SEXISTAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DURANTE
SUAS AULAS: RELATOS E REFLEXÕES.**

Conceito final:___

Aprovado em: ___ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. DR. Elisandro Schultz Wittizorecki. UFRGS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Souza Fonseca

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, que sempre me propiciou o suporte necessário, durante toda minha trajetória, e durante esta graduação. “Quebrando galhos” que somente elas/eles fariam por mim e aguentando as minhas crises de ansiedade, principalmente durante a construção deste trabalho. Vocês são o que há de mais valioso.

Agradeço à minha orientadora, que me acolheu prontamente e esteve ali sempre que preciso, me propiciando diversos aprendizados a cada conversa, a cada aula, a cada correção, e me fazendo acreditar ainda mais na profissão que escolhi com a sua vontade de uma sociedade melhor.

Agradeço também à todas/os docentes da ESEFID com qual obtive algum aprendizado, sendo esses através de exemplos e outros através de práticas docentes com as quais não concordo, todos me fizeram refletir e construir minha formação enquanto professora.

Agradeço também a todas/os técnicos e funcionários que independente de suas condições de trabalho mantém esta Universidade para que possamos construir nossa formação, Obrigada!

Agradeço infinitamente à todas/os amigas/os que fiz dentro da ESEFID, com certeza foram um presente para a vida toda, pessoa muito especiais que me acompanharam e me fizeram crescer durante esses quatro anos. Agradeço em especial as minhas procrastinadoras preferidas, Amanda e Marcela e ao Dudu, pessoas que estiveram mais próximas de mim nessa reta final, me ajudando com esse trabalho e amparando minhas inseguranças, sem vocês não teria conseguido. As/aos demais amigas/os peço desculpa por esse tempo afastada, mas garanto que logo estarei de volta ao convívio social.

Agradeço as/aos companheiros de Diretório Acadêmico (DAEFI), com certeza grande parte deste trabalho é oriundo de aprendizados que construí com vocês, muito obrigada!

Agradeço também à todas/os estudantes para quais já dei aulas, todas/os foram importantes nessa reflexão, além de trazerem aos poucos a confirmação de que estou no caminho certo a cada elogio, sorriso ou abraço.

Agradeço a todas/os que responderam o questionário desta pesquisa, possibilitando essas análises e reflexões. Além disso, agradeço a todo apoio e “tamo junto” que recebo desde que optei por esse tema, foram de grande motivação para mim.

Por fim agradeço a todas/os, que mesmo desconhecidas/os para mim, lutam por uma sociedade mais justa e a toda classe trabalhadora, que merece meu muito obrigada, por ser a base de tudo. Seguimos na luta!

Obrigada, obrigada e obrigada!

Nada é impossível de mudar
Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E
examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos
expressamente: não aceiteis o que é de hábito como
coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de
confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de
humanidade desumanizada, nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

RESUMO

Entende-se a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra a/o estudante na cultura corporal de movimento bem como, na cultura em geral, nessa perspectiva cabe ressaltar a importância da categoria docente na formação holística das/dos estudantes, preparando-as/os para a vida em geral. Desta forma cabe a reflexão a cerca das atitudes tomadas pelas/os docentes em suas aulas, onde muitas vezes expressam opressões que futuramente podem ser reproduzidos pelas/os estudantes tendo reflexos na sua vida e na sociedade, e vice e versa. Partindo dessa percepção, o objetivo desse estudo é identificar, descrever e problematizar atitudes sexistas tomadas por professores de Educação Física na Escola, na perspectiva de estudantes e ex estudantes. Um estudo descritivo, feito por meio de questionários online. A população é caracterizada por estudantes ou ex estudantes, destes foram retirados fragmentos de repostas para serem analisados.

Palavras chaves: Machismo – Sexismo – Formação – Escola

ABSTRACT

Physical Education is understood as a discipline that introduces and integrates the student into the culture of body movement, as well as culture in general. From this perspective, it is essential to highlight the importance of the teaching category in the holistic formation of students, preparing them for life in general. Thus, it is relevant to reflect on the actions taken by teachers in classes, in which they often express oppressions that can eventually be copied by students, having some kind of impact in their lives and in society, and vice versa. Based on this perception, the goal of this study is to identify, describe and discuss sexist attitudes taken by teachers in the School of Physical Education. A descriptive study, made through online questionnaires. The sample is characterized by students or former students randomly chosen in which fragments of their responses were taken for analysis.

Key words: Chauvinism – Sexism – Education – School

Sumário

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. PRESUPOSTOS TEÓRICOS | 12 |
| 2.1 SEXISMO/MACHISMO, OPRESSÕES E LUTA DE CLASSE | 12 |
| 2.1.1 Origem da opressão contra a mulher | 15 |
| 2.1.2 Opressão contra a mulher na atualidade | 17 |
| 2.1.3 Violência contra mulher | 19 |
| 2.2 PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE: | 20 |
| 3. METODOLOGIA | 23 |
| 3.1 SITUAÇÃO PROBLEMA | 23 |
| 3.2 HIPÓTESES | 23 |
| 3.3 OBJETIVOS | 23 |
| 3.3.1 Objetivo geral | 23 |
| 3.3.2 Objetivos específicos | 23 |
| 3.4 DELINEAMENTO | 24 |
| 3.5 POPULAÇÃO | 24 |
| 3.6 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS | 24 |
| 3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS | 25 |
| 3.8 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO | 25 |
| 3.9 PROCEDIMENTOS ÉTICOS | 25 |
| 4. ANÁLISE DA EMPIRIA | 27 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 44 |
| REFERÊNCIAS | 46 |
| APÊNDICE – QUESTIONÁRIO | 48 |

1. INTRODUÇÃO

Entendendo a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra a/o estudante na cultura corporal de movimento bem como, na cultura em geral, contribuindo para a formação da/o cidadã/o, possibilitando que esta/e não apenas reproduza mais do mesmo, mas sim produza e transforme a cultura vigente. Tendo a capacidade de usufruir das práticas corporais, atuando como “cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.” (PCN,1997, p.24)

Há de se considerar a importância do trabalho da categoria docente tanto no sentido de tornar a Educação Física Escolar significativa para as/os estudantes, fazendo com que ela tenha objetivo e finalidades definidas, como, no sentido de formar uma cidadã/o social crítico, ressaltando a influência que este exerce sobre a vida das/os estudantes. Entretanto é necessário considerar que a mudança da sociedade não depende apenas do professor, ou da escola, mas sim uma mudança estrutural, que depende não apenas de investimento, mas de um novo objetivo para a educação e um novo papel social.

Com isso cabe a reflexão sobre até que ponto os professores estão cientes da influência que suas ideologias, crenças e atitudes têm na formação do caráter das/os estudantes e para, além disso, sobre os efeitos que essas atitudes oriundas de uma cultura muitas vezes reproduzida sem uma prévia reflexão pode causar na dinâmica de suas aulas, na relação interpessoal e na sociedade. Por isso a importância de trabalhar numa perspectiva de práxis, onde há uma reflexão sobre a prática e um entendimento de que esse professor deve ter “a capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis.” (FREIRE, 1981, p.8)

Assumindo o papel de formação holística que o professor exerce e considerando que a expressão de suas ideologias por meio de suas atitudes afeta diretamente o estudante, surge a preocupação com o caráter dessas atitudes. Atitudes essas que muitas vezes se mostram sexistas e preconceituosas, fato que justifica esse trabalho, e que por serem tão naturalizadas dentro da sociedade são

reproduzidas pelos educadores sem gerar nem ao menos um estranhamento ou questionamento sobre.

Gerando estereótipos sobre os gêneros, designando papéis sociais específicos para meninas e meninos, inferiorizando alguns comportamentos tidos como de determinado gênero ou renegando algumas atividades vistas como impróprias para o outro. Isso acaba gerando uma cultura exclusiva e segregada dentro da Educação Física, que faz com que aquela/e estudante que não se encaixa neste molde não se sinta pertencente daquele espaço, possivelmente deixando de participar das aulas, trazendo diversas consequências que serão discutidas no decorrer desse trabalho. Além de criar e estimular uma reprodução, por parte desses estudantes, dessa cultura sexista a qual foram expostos.

Considerando a importância de uma reflexão aprofundada sobre esse tema, e, visando gerar uma possível reflexão sobre essas atitudes por parte dos professores surge esse estudo, que objetiva identificar, descrever e problematizar atitudes sexistas tomadas por professores de Educação Física na Escola.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 SEXISMO/MACHISMO, OPRESSÕES E LUTA DE CLASSE

Para entender o sexismo/machismo é necessário entender as opressões em geral e como elas são utilizadas para manter um sistema, sendo assim precisamos analisar esses fenômenos em uma perspectiva de classes sociais. Entendendo que esses problemas não são isolados, mas sim um problema estrutural, e que se reflete por meio da cultura, algo que foi pensando e que ainda é vigente para suprir demandas de um sistema que necessita de pessoas subjugadas para manter a produção e gerar acúmulo de riqueza para poucos. Nessa linha é necessário entender três conceitos básicos e que dão suporte ao pensamento marxista, para Delavechia (2015, p.15):

INFRAESTRUTURA OU FORÇA PRODUTIVA: relação homem-natureza externa à sociedade. Marx afirma que um aspecto fundamental de toda sociedade está na relação que os homens daquela sociedade estabelecem com a natureza, através da técnica, para produzir;

ESTRUTURA OU RELAÇÕES DE PRODUÇÃO: relação homem-homem, dentro da economia da sociedade. Na sociedade atual, pode-se perceber, de imediato, que há diferenças muito grandes entre os homens com relação ao trabalho. Denomina-se de classes sociais (ou setores de classes) aos homens que têm uma idêntica relação com a propriedade do aparato produtivo e seus produtos;

SUPERESTRUTURA: Marx descobriu que, sobre essa estrutura econômica, organizada em torno da produção e da distribuição, havia outra série de fenômenos da vida social que eram distintos, que não se enquadravam na infraestrutura nem na estrutura; relação homem-ideologia-instituições.

Desta forma quem possui os meios de produção dita às regras vigentes na sociedade, com uma lógica de exploração do homem pelo homem, formando as classes sociais, classes essas que possuem estruturas diferentes, e também vivem em superestruturas distintas, pois as condições estruturais dialogam diretamente com a forma de existir dentro da sociedade.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios para a produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe

dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, uma consciência, e é em consequência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda a sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham entre outras uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de ideias que regulam a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; que, portanto, as suas ideias são, portanto, as ideias dominantes da sua época. (MARX; ANGELS, 2009)

Acaba criando-se um ciclo vicioso onde alguns poucos possuem os sistemas de produção e o Estado que deveria estar a serviço de todos e que é um simples instrumento para a classe burguesa, propiciando péssimas condições de vida para a classe trabalhadora, precisando haver uma “transformação do Estado numa mera administração da produção” Marx e Engels (1848). Fazendo com que esse sujeito de classe que frequentou uma Escola sucateada, depende de um transporte público de péssima qualidade, depende de um Sistema Único de Saúde (SUS) que não supre suas necessidades; e, assim como um Sistema Único de Assistência Social (SUAS) pensado para minimizar violações de direitos, mas utilizado de forma precária porque, tal como a saúde, a educação e as demais políticas públicas de corte social, é uma política pública precária. Neste escopo faz-se necessário também referir ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e ao Estatuto do Adolescente legislações avançadas na composição de crianças, adolescentes e jovens como sujeitos de direitos, a quem há prioridade no atendimento e expectativa de atenção integral mas, no entanto, o tema deste trabalho demonstra práticas de violações de direitos a esses sujeitos. Questões inseridas em tantos outros problemas estruturais que encontramos, como a condição de empregos com cargas horárias desumanas, salários injustos e péssimas condições de trabalho, se tornando mão de obra barata para os grandes empresários.

Além do Estado em si há algumas grandes instituições formadoras e mantedoras de opinião tais como igreja, mídia e escola.

A igreja, instituição mais poderosa do mundo há séculos, normatizou comportamentos que mantém a sociedade a rédeas curtas, ditando padrões e

estipulando comportamentos aceitáveis por deus para nos controlar, detentora de grande parte da riqueza mundial se utiliza da fé da classe proletária para padronizar seus comportamentos construindo, segundo Varela (1992, p.2), “um conjunto de táticas cujo objetivo consiste em que a Igreja possa continuar conservando, e se for possível aumentando, seu prestígio e seus poderes.”.

A escola é a instituição utilizada para nos moldar, “O objetivo primordial é que desempenhem funções de acordo com a nova sociedade em vias de industrialização.” (VARELA, 1992, p.8), onde todos são obrigados a passar e receber conhecimentos "úteis" para a sobrevivência, saberes estes elaborados novamente pelo Estado e que estão a serviço do capital.

Desta forma a escola acaba por se tornar um simples lugar para passarmos um tempo, aprendendo o que é certo ou errado, conteúdos ultrapassados e sem aplicabilidade na prática, aulas retrogradadas onde o processo de ensino-aprendizagem é impossível de ser estabelecido, salvo algumas exceções onde esse espaço serve para que os estudantes percebam essa realidade e lutem contra e sem pensar na criticidade desses sujeitos que, segundo os PCN's de 1997, deveriam estar presente em sala de aula, não nos ensina a refletir, a questionar. É nos ensinado a reproduzir mais do mesmo, sobrecarregando conteúdos pobres a ponto de não nos deixar tempo para reflexões aprofundadas.

Isso sem falar da infraestrutura sucateada, com professores sobrecarregados e muitas vezes ensinando disciplinas que não são de sua formação. A escola formal de forma alguma dá ferramentas para reflexão de nossa realidade, muito pelo contrário, nos limita, como se seu papel fosse apenas formar para o trabalho braçal, dando a falsa impressão de estarmos prontas/os para o mundo do trabalho quando na verdade estamos prontas/os para o mercado de trabalho, para o capital.

O sistema capitalista é pautado na lógica do capital, onde a ganância e o acúmulo de riqueza são fortes, gerando uma desigualdade extrema, fazendo com que a grande maioria de riqueza pertença a uma minoria, normalmente homens, brancos e heterossexuais, padrões normatizados em nossa sociedade, dando condições diferentes aos sujeitos dependendo de seu sexo, gênero, raça/etnia e orientação sexual, mas ao mesmo tempo criando a falsa ideia de que com o trabalho todos poderiam ascender de classe social, meritocracia.

Esse sistema se estabelece pela exploração do homem pelo homem e se utiliza das opressões como uma das formas de manutenção e de justificativa para a

exploração de uma classe sobre a outra. Assim negras/os, mulheres e lgbts¹ são vistos como inferiores, não recebendo as mesmas oportunidades, que deveria ser garantida pelo estado, e sofrendo ataques diariamente em todos os âmbitos, seja sofrendo preconceito por determinada característica ou recebendo menos oportunidades de formação para determinado trabalho.

Cabe ressaltar que dentro da classe proletária há muita opressão, mas que precisamos enxergar que estas estão apenas sendo reproduzidas, e que foram produzidas com o propósito de desunião da classe, fazendo parte de uma redoma de fatores que mantêm esse sistema vigente.

Entre essas opressões anteriormente citadas temos o sexismo que é “um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade, dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo” (GLICK & FISKE, 1996 apud FORMIGA, 2002, p. 105). Desta forma o sexismo acaba por definir papéis de homens e mulheres na sociedade, fato que muitas vezes priva os sujeitos de experiências e modelos de vida que são tidas como imprópria para o seu sexo.

Além do sexismo existente, que é considerado uma forma de opressão, há o machismo, que é uma ideologia que oprime e subjuga a mulher em detrimento ao homem. Justifico a escolha do termo sexismo ao invés de apenas machismo, por considerar que as atitudes que serão observadas nas aulas, limitam o comportamento de ambos os gêneros, e também por entender que ao tratar de sexismo, o machismo, também, será contemplado.

2.1.1 Origem da opressão contra a mulher

A opressão contra a mulher é decorrente de um processo de transformação na constituição da família e que se dá em função do excedente de produção, para entendermos esse processo é necessário entender como se dá a construção do modelo de família atual, usaremos a obra de Engels 1884 “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”.

No começo de seu estudo sobre a história primitiva as famílias eram constituídas entre grupos, como cita Engels (1884, p.4), “os homens praticam a

¹ LGBTS: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais

poligamia e suas mulheres a poliandria, e em que, por consequência, os filhos de uns e outros tinham que ser considerados comuns.”, a descendência não era paterna, mas sim materna, pois apenas a mãe daquele indivíduo era de fato comprovada. O matrimônio entre grupos fora observado em várias tribos e com as mais distintas estruturas, mantendo em comum a linhagem feminina, o que propiciava à mulher um papel social distinto do observado na atualidade, garantindo “o reconhecimento exclusivo da filiação materna e as relações de herança dele deduzidas com o nome de direito materno.” (ENGELS, 1884, p.8).

Com o excedente de produção e a possibilidade de acúmulo de riquezas se forjam outras necessidades. Tribos vencidas em combates anteriormente tinham seus homens mortos e suas mulheres e crianças adotadas pela tribo vencedora, com essa nova perspectiva de produção os constituintes da tribo derrotada acabavam por serem escravizados, pois “agora eram necessárias mais pessoas para os cuidados com a criação; podia ser utilizado para isso o prisioneiro de guerra que, além do mais, poderia multiplicar-se tal como o gado”. (ENGELS, 1884, p.14).

Dá-se início também a preocupação de com quem ficariam esses bens, seus proprietários não “poderiam” deixá-los para filhos de terceiros, filhos apenas de suas esposas, mas não necessariamente seus, fazendo com que o direito materno tivesse que ser abolido, e o foi. Surge então o que Engels considerou a grande derrota histórica do sexo feminino, o desmoronamento do direito materno.

Em decorrência dessa nova demanda, a mulher perde seu direito a sexualidade, a monogamia é imposta a ela (somente a ela, como será tratado logo abaixo) como controle dos descendentes sanguíneos, a maternidade deixa de ser uma tarefa social e passa a ser responsabilidade exclusiva de um sexo. Além disso, é podado à mulher também o direito ao prazer sexual e a autoridade da casa, segundo Engels “o homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução.” (ENGELS, 1884, p. 15).

A introdução da monogamia feminina foi o passo principal na história da opressão contra a mulher, dando plenos poderes aos homens, fazendo com que junto ao aumento de riquezas, aumentasse também a posição do homem em relação à mulher na família e na sociedade. Homem este que em momento algum foi

privado de sua sexualidade, segundo Engels (1884, p.10), “um homem vive com uma mulher, mas de maneira tal que a poligamia e a infidelidade ocasional continuam a ser um direito dos homens”, essa realidade traz consigo o adultério e a prostituição feminina. Quanto à mulher em relação a isso “exige-se dela que tolere tudo isso e, por sua vez, guarde uma castidade e uma fidelidade conjugal rigorosa.” (ENGELS, 1884, p. 17).

Sobre a monogamia cabe ressaltar que ela não expressa uma forma de igualdade entre homens e mulheres, menos ainda como um matrimônio mais elevado, mas sim como uma forma de escravização de um sexo pelo outro. E é a base para uma forma de família que pela primeira vez na história se baseia em condições econômicas em detrimento das naturais e que expressa o “triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente.” (ENGELS, 1884, p. 18).

Engels 1884, constata que a primeira divisão do trabalho se dá entre homem e mulher com relação à procriação dos filhos e vai além ao afirmar que o primeiro antagonismo de classe se dá no mesmo momento do desenvolvimento do antagonismo entre os sexos, da monogamia e, por conseguinte da primeira opressão de classes (a opressão da mulher pelo sexo masculino).

Concluo esse subcapítulo citando um trecho que resume muito do que foi falado neste estudo até então:

A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. (ENGELS, 1884, P.18)

2.1.2 Opressão contra a mulher na atualidade

Dando continuidade a essa linha do tempo traçada através do papel da mulher na sociedade, e de como a opressão de classes e contra a mulher vem sendo forjada dentro desse processo histórico. Chegamos à atualidade e nos deparamos com um cenário onde, segundo TOLEDO (2001, p.1) nos últimos anos vem se aprofundando a desigualdade da mulher, devido ao capitalismo e, sobretudo nos países explorados, o que nos mostra que a sociedade segue os moldes citados no capítulo anterior.

Para a autora a desigualdade é organizada da seguinte forma:

É um processo que começa com a divisão sexual do trabalho e se consolida com a constituição dos gêneros sociais: se você é mulher, tem de fazer determinadas coisas, se é homem, outras. O passo seguinte é considerar

femininas as atividades feitas pelas mulheres e masculinas aquelas feitas pelos homens. O terceiro passo é diferenciar o tratamento recebido (respeito, reconhecimento, meios de vida, estilo de vida) pelas pessoas que realizam atividades femininas e os que realizam atividades masculinas. (TOLEDO, 2001, p.2)

Fazendo com que esta, desigualdade, assuma um papel de gênero, onde as pessoas independentemente do seu sexo são tratadas a partir de um padrão específico de gênero. Além disso, podemos entender os sujeitos não apenas como pertencente a uma classe social, mas também a um gênero e a uma raça/etnia, e compreender que dependendo dessas características se forja o conceito social onde este sujeito está inserido. Onde uma mulher negra e homossexual sofre muito mais opressões do que um homem branco heterossexual, e entendendo esse fenômeno não apenas expresso através de preconceitos, mas sim de condições de trabalho, moradia e acesso à educação, por exemplo.

As opressões continuam com o mesmo objetivo de outrora, manter um sistema capitalista, e continuam se expressando fortemente no âmbito do trabalho. Cabe as mulheres a reprodução da força de trabalho, que nada mais é do que dar condições para que esse trabalhador homem consiga executar suas tarefas, através do trabalho doméstico forjasse uma responsabilidade da mulher de manter um lar e pessoas saudáveis dentro dele para a jornada de trabalho masculino. (LEITE, SANTOS 2012).

Segundo Toledo (2001), a sociedade esta basicamente assentada sobre um ganhador de pão (homem) e uma dona de casa (mulher), o que segundo ela garante que o que estrutura a sociedade é o gênero, ou indo sendo mais precisa a opressão de um gênero sobre o outro, assim como de uma classe sobre a outra.

Com a Revolução Industrial se deu a entrada da mulher no mundo do trabalho e a proletarização da mesma, trazendo consigo a desqualificação do trabalho, pois com aumento de mão de obra os homens passaram a receber menos, e as mulheres por serem entendidas como mão de obra desqualificada recebiam ainda menos que os homens. (LEITE; SANTOS, 2012)

Agora as mulheres desempenhavam uma dupla jornada de trabalho, havia o trabalho doméstico, para garantir o trabalho “mais qualificado” do homem, mas também havia o trabalho fora de casa, gerando uma sobrecarga sobre essa mulher.

Segundo Toledo (2001) os homens não eram submetido à tensão estrutural entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, fazendo com que

conseguissem dar conta de seu trabalho remunerado de uma forma mais eficaz. Cabe ressaltar que na maioria dos casos mesmo com a sobrecarga da dupla jornada de trabalho a mulher desempenha o mesmo papel que homem e com a mesma “qualidade”, entretanto continua ganhando menos por serem discriminadas e vistas como desqualificadas em comparação ao do trabalho do homem.

O sistema capitalista é pautado nos estereótipos dos gêneros, estabelecendo papéis cabíveis para homens e mulheres e fazendo com que estes se mantenham no molde que o capitalismo requer. Um indício disso é o que traz Leite e Santos (2012, p.35) “fora de casa à mulher irá desempenhar as mesmas funções socialmente construídas (organizadoras, cuidadoras, limpeza e educadoras)” o que mostra que mesmo assumindo um papel de trabalhadora (como se dentro de casa já não o fosse) a mulher continua por deter responsabilidades próximas do que realiza em seu lar.

“Já aos homens são destinados os trabalhos considerados pela sociedade como mais importantes, sobretudo para os que interferem na vida pública, como a política” (LEITE; SANTOS, 2012, p.35), ou seja, assim como a classe proletária sustenta a classe burguesa que dita as regras da sociedade, as mulheres dão toda a base para o trabalho masculino que detém o poder sobre essas regras (no caso do homem burguês).

2.1.3 Violência contra mulher

É necessário entender que essa violência não se dá apenas de forma física, como também psicológica, sexual, moral ou uma articulação de algumas ou todas essas. Se manifesta a partir da mídia, como em propagandas ou em filmes e novelas onde o corpo da mulher é objetificado e recebe diversos estereótipos, essa violência aparenta ser mais sutil, entretanto corrobora para a manutenção dessa cultura opressiva contra a mulher, logo entendemos que essa violência ocorre também de maneira simbólica e “É o crime mais encoberto do mundo, e uma das formas mais antigas das manifestações de poder e controle” (LEITE; SANTOS, 2012, p.36)

A violência física detém o recorde de mortes, mesmo acreditando que esta tem por trás todos os outros tipos de violência, e segundo dados da OMS violência contra a mulher na América Latina atinge cerca de 50% das mulheres em seu

cotidiano, onde 1 em cada 3 mulheres já sofreu violência, dentro da violência física 70% ocorreu no ambiente familiar.

Segundo o 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2015) 47.646 casos de estupro foram registrados no país em 2014, porém o mesmo anuário considera que em média apenas 35% dos casos de crimes sexuais são notificados. Segundo o mesmo documento, 67,1% da população brasileira residente nas grandes cidades brasileiras tem medo de ser agredida sexualmente, e 90,2% das mulheres e 73,7% dos jovens de 16 a 24 anos afirmam ter medo de sofrer violência sexual. Traz também o dado de que a cada 11 minutos uma pessoa é estuprada no Brasil.

Além desses dados que exemplificam alguns pontos da violência contra mulher, é necessário entender que essa violência e opressão também se dá através da mídia que articulada com outras instituições, Igreja e escola, designam papéis diferentes para os gêneros, criando comportamentos específicos do gênero feminino, nos ditando que devemos ser mães, donas de casa, trabalhadoras, belas e consumistas, além de tantos outros comportamentos. Segundo Leite e Santos (2012, p.37) “só em 2010 a indústria das beleza lucrou 31 bilhões no Brasil”, mostrando como a ideia de beleza padrão introduzida pela mídia em nossas mentes diariamente traz lucros.

Para finalizar esse capítulo, é necessário entender que todos esses fenômenos anteriormente citados estão interligados, formando uma grande engrenagem que mantém o capitalismo funcionando, não há como entender violência contra mulher sem entender que isso tem origem na opressão e que essa por sua vez é uma forma de manter um sistema, que por outros meios também colaboram para a violência contra mulher, ou seja, estamos diante de um problema estrutural.

2.2 PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE:

Entendendo que ao alterar a superestrutura, alteramos também a estrutura na qual vivemos, ou seja, ao pensar diferente e nos colocarmos diferentes diante do mundo mudamos também nossas condições de vida, essa afirmação já nos dá pistas de qual seria o papel do professor dentro da escola. Segundo Freire (1981, p.7) “Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo

se reduz”, não lhe dando possibilidades de transpor os limites impostos pelo mundo, logo, apenas através da reflexão, e posteriormente, da ação, conseguimos alcançar mudanças.

Segundo os PCN's (1997, p.24) É papel do Estado Democrático “investir na escola, para que ela prepare e instrumentalize crianças e jovens para o processo democrático, forçando o acesso à educação de qualidade para todos e às possibilidades de participação social”. Além disso, segundo o mesmo documento PCN's (1997, p.24), o sistema educacional tem como responsabilidade garantir “a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.”, ou seja, o papel da educação seria o de formar cidadãos críticos para atuar em sua sociedade.

Desta forma, não vejo outro papel do professor que não propiciar essa reflexão em suas aulas, como forma de ferramenta para formar esse “cidadão crítico” tão almejado, compreendendo que “A formação não pode ser tratada como um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim como um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa.” (PCN's, 1997, pág 22)

Analisando especificamente o papel do professor de Educação Física, e o momento em essa disciplina se encontra, González e Fensterseifer (2009) caracterizam como um período de “Não mais e ainda não”. “Não mais” uma EFI voltada para um conhecimento médico-biológico, ou para uma EFI esportivizada, regida pela “prática pela prática” (prática realizada sem reflexão, apenas pela realização do movimento). Mas, “ainda não” uma EFI que tem como conteúdo principal a cultura corporal do movimento, como vários documentos trazem, dando um sentido cultural para a EFI, entendendo as práticas corporais como pertencentes da cultura de determinada sociedade e que requerem uma área de conhecimento específica na escola.

Há ainda dificuldades em entender o sentido da EFI escolar, além de uma dificuldade ainda maior de implementar um currículo que supra as necessidades dessa EFI, pensada como uma provedora de ferramentas para que esse cidadão usufrua de forma reflexiva das práticas corporais. Nesse sentido González e Fensterseifer (2010) aponta que o real sentido da EFI escolar é de entender conceitos básicos sobre as práticas corporais, contextualizando-as com a cultura dos estudantes de determinada escola, dando suporte para futuras praticas, além de propiciar reflexões sobre assuntos que perpassam essas práticas e a sociedade em

si. Nessa perspectiva “O papel do professor nesse processo é, portanto, crucial, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para que do que aprendem”. (PCN, 1997, p. 45)

Além disso, a EFI se encontra em momento de desvalorização, tal qual a profissão de professor, o que acentua a importância de manter uma motivação alta em aula. Dando espaço para as diferenças e garantindo que todos tenham um desempenho satisfatório (sempre em uma comparação consigo mesmo e com as suas expectativas de aprendizagem) “boa parte da história de êxitos ou fracassos escolares que o aluno traz vão determinar o grau de motivação que apresentará em relação às aprendizagens atualmente propostas.” (PCN, 1997, p.45)

Com base nesse apanhado de informações, considero que o papel do professor, e mais estritamente o de EFI, é o de propiciar um ambiente propício para o entendimento de questões sociais, biológicas e culturais envolvidas na cultura corporal do movimento. Formando um cidadão crítico e autônomo, capaz de atuar na sua realidade, seja ela individual através de alguma prática corporal, ou coletiva através da militância, por exemplo, transformando-a em uma realidade melhor para si e para os outros.

Concluo esse subcapítulo ressaltando a importância do debate sobre questões estruturais da nossa sociedade dentro do ambiente escolar, acreditando que na nossa sociedade nos é dado poucos momentos de reflexão e debate sobre esses temas, e que é papel social da escola, e do professor, trazer para a consciência dos estudantes temas como, desigualdade social, opressões e política por exemplo. Registro também, tendo em vista o momento político do país, a importância da liberdade de expressão dos professores em salas de aula, entendendo que uma escola despolitizada, ou “sem partido”, é uma escola que visa garantir sujeitos sem discernimento suficiente para revoltar-se contra essa sociedade desigual e que está forjada para operar em função do capital ao invés do sujeito de classe.

3. METODOLOGIA

Fora realizado um mapeamento e revisão da produção acadêmica na plataforma LUME, pesquisando por Trabalhos Acadêmicos e Técnicos da UFRGS com os descritores: Sexismo, Sala de Aula e Professor. Foram encontrados 27 trabalhos, realizando uma exclusão por título e pelos resumos nenhum obteve compatibilidade com o objetivo do presente estudo. Desta forma o referencial teórico do estudo foi realizado com base nas análises de literaturas indicadas por professores e por pesquisas feitas na internet a partir de referências oriundas dessas indicações.

3.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

Há atitudes sexistas/machistas por parte dos professores de educação física em sua aula?

3.2 HIPÓTESES

Acreditamos que haja tais atitudes opressivas por parte dos professores, reproduzindo uma cultura machista/sexista vigente na sociedade.

3.3 OBJETIVOS

3.3.1 Objetivo geral

a) Identificar, descrever e problematizar atitudes sexistas tomadas por professores de Educação Física na Escola na perspectiva de estudantes e ex estudantes.

3.3.2 Objetivos específicos

- a) Possibilitar suporte para professores realizarem uma reflexão mais aprofundada sobre suas atitudes;
- b) Estabelecer relações entre essas atitudes e a cultura vigente em nossa sociedade;
- c) Explicitar algumas formas de opressão de gênero dentro da escola;
- d) Apontar possíveis implicações individuais e coletivas geradas a partir dessas atitudes.

3.4 DELINEAMENTO

O trabalho é caracterizado como um estudo qualitativo. Portanto questionei, transcrevi, analisei, interpretei e correlacionei fatos descritos pela população em questão. Esse tipo de metodologia é caracterizado pela ênfase colocada nos processos e significados que não são mensuráveis ou registrados de forma experimental (Denzin e Lincoln, 2000). A predominância da análise qualitativa não exclui a exposição e consideração de aspectos quantitativos.

3.5 POPULAÇÃO

A população a ser analisada é composta por estudantes e ex-estudantes que tenham vivenciado aulas de Educação Física em sua formação escolar e que responderem à um questionário online, tendo acordo com o Termo de consentimento livre e esclarecido.

3.6 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Por se tratar de uma pesquisa de corte qualitativa, foi centrada na descrição, interpretação e análise das informações recolhidas a partir do processo de investigação.

Foi utilizado um questionário online semiestruturado com o objetivo de identificar e descrever atitudes sexistas/machistas, além de apontar possíveis consequências oriundas das mesmas.

Para identificar tais atitudes foi elaborado pela pesquisadora um questionário, a partir da identificação dessas atitudes as mesmas serão descritas, interpretadas e

problematizadas de acordo com a revisão de literatura e com as considerações da pesquisadora.

Não foram utilizadas observações por acreditarmos que com a presença da pesquisadora tais atitudes não seriam tomadas, ou demorariam mais tempo para serem explicitadas, em função do curto espaço de tempo para realizar esse trabalho optamos apenas pelo questionário online

3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta de dados, iniciei a construção das discussões dos resultados através da análise do conteúdo, correlacionando com os autores utilizados no referencial teórico a fim de embasar meus argumentos.

3.8 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Para serem incluídos na pesquisa os sujeitos deverão responder a um questionário e aceitar participar da pesquisa concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e serem estudantes ou ex-estudantes que tenham vivenciado aulas de Educação Física na escola.

O questionário foi divulgado em uma rede social da autora, fazendo com que maioria dos participantes tenham algum vínculo com a mesma, ou com amigos da mesma.

3.9 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Todos os sujeitos concordaram com o termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes da realização do questionário.

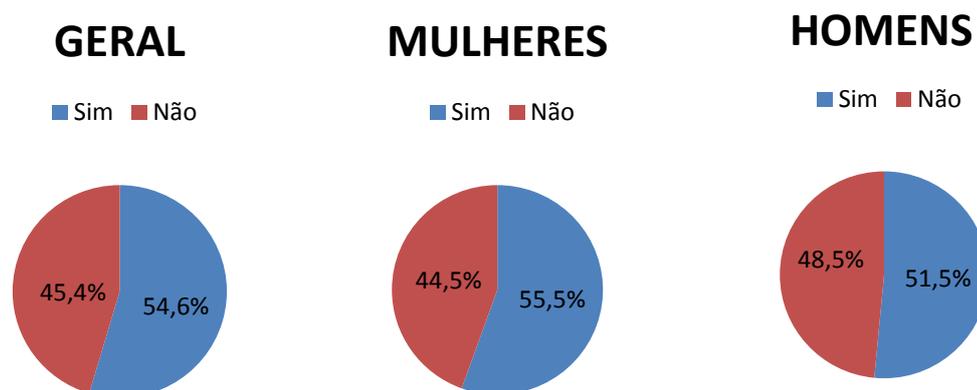
Os nomes dos sujeitos permanecerão em sigilo, refiro-me a elas/eles por nomes fictícios.

Os sujeitos de pesquisa terão acesso aos resultados da mesma tão logo seja concluída.

4. ANÁLISE DA EMPÍRIA

A população foi caracterizada por 109 mulheres (76,2%) e 34 homens (23,8%), com uma média geral de idade de 27,4 anos. Sendo elas/eles brancas/os 112 (78,3%), pardas/os 16 (11,2%), pretas/os 13 (9,1%), indígenas e amarelas/os 1 (0,7%). Ao serem perguntadas/os o estado que residem 125 (87,4%) responderam RS, os 18 (12,6%) demais responderam outros 8 estados.

Ao perguntar se “Você já presenciou/vivenciou atitude sexista/machista vinda de um professor de Educação Física em aula?” Obtivemos 143 respostas, onde 45,4% responderam que não presenciaram/vivenciaram e 54,6% responderam que sim. Dentro dessas respostas, houve uma diferença entre a resposta de homens e de mulheres, como aparece nos gráficos abaixo:



Acredito que a diferença nas respostas de homens e mulheres ocorre porque na grande maioria dos casos os homens não são os alvos dessas atitudes sexistas, desta forma muitas vezes não percebem o que ocorre nessas aulas. Já as mulheres identificam mais facilmente essas opressões, pois as vivenciam não só no ambiente escolar, como na vida cotidiana, gerando uma maior empatia sobre o assunto, e fazendo com que, mesmo quando com terceiros, essas atitudes não passem despercebidas a elas. De qualquer forma é importante chamar atenção para o percentual significativo de homens que responderam sim.

Logo após foi pedido para que “Se sim relate com detalhes essa atitude (falas, expressões, ambiente, contexto e etc.)” então houve 74 relatos, dos quais

foram divididos em 10 situações de investigação, agrupados por proximidade de repostas, são elas:

- a) Meninas voleibol e meninos futebol;
- b) Atividades de meninas e de meninos (FUTEBOL NÃO É COISA DE MENINA);
- c) Aulas divididas por sexo/gênero;
- d) Não obrigatoriedade da EFI para meninas (falta de incentivo);
- e) Sexualidade;
- f) Estereótipos ruins em decorrência do gênero;
- g) Fatos que ocorreram com meninos;
- h) Omissão por parte do professor sobre atitudes preconceituosas de colegas;
- i) Falas ligadas ao uso de roupas inapropriadas e por último;
- j) Abusos e assédios.

Alguns trechos de cada categoria serão transcritos, analisados e problematizados abaixo.

Ao perguntar se a pessoa já havia vivenciado ou presenciado atitudes sexistas ou machistas vindas de professores de educação física em aula, 77 pessoas responderam que sim, destas 77, 18 pessoas afirmaram que a atitude vivenciada era em aulas onde meninos jogavam futebol e meninas voleibol, totalizando 23,3% do total de atitudes descritas. Nesses relatos os estereótipos de gênero ficaram claros, além de explicitar uma enorme diferença de oportunidades e cobranças entre meninos e meninas, como nesse trecho: *“A divisão das atividades físicas, meninas jogavam vôlei, meninos futebol. Nós mulheres não éramos incentivadas a ter um desempenho cada vez melhor, se não fosse bom tudo bem, éramos mulheres mesmo. Ao mesmo tempo, os meninos não podiam perder para nós.”* (Alice), o fato de privar um dos gêneros de determinadas práticas reforça o estereótipo de que há coisas de meninos e coisas de meninas. Da mesma forma que meninas brincando de “mamãe e filhinha”, e meninos jogando futebol ou subindo em árvores, influenciando uma personalidade mais “bela, recatada e do lar”² para as meninas e mais aventureiro, atlético e ativo fisicamente para os meninos,

² Expressão utilizada pela revista veja em sua capa do dia 18 de abril de 2016 ao descrever Marcela Temer, dando exemplo de como uma mulher deveria ser e se comportar. Expressão esta que viralizou nas redes sociais por ser um marco da imposição de certos comportamentos para o sexo feminino, além de ser utilizada de forma sarcástica em várias formas de protestos feministas.

por exemplo, estruturando desde cedo os papéis sociais de cada gênero para que na vida adulta esses sujeitos desempenhem atividades referentes ao que lhe é imposto desde sempre.

Ao falar sobre as tantas diferenciações que a escola faz dentro de seu sistema, Louro (2014, p.57) afirma que “Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas”; evidenciando que a escola, assim como a sociedade, cumpre papéis diferentes, distinguindo classe social, gênero, raça/etnia e sexualidade. Outro trecho traz a mesma realidade, entretanto, com um adendo, nesse relato há práticas específicas apenas para as meninas, os meninos têm o direito de escolha: *“Quando algumas meninas perguntavam se podiam pegar a bola de futebol, o professor logo ia dizendo: “Não, as gurias vão jogar vôlei e os guris, futebol.”. No entanto, sempre havia menino jogando vôlei conosco, mas nunca uma menina jogando futebol entre os meninos.”* (Sophia). Nos dois trechos fica visível a diferenciação entre os sexos, além da inferiorização das meninas por parte do professor, seja não aceitando que os meninos percam para as meninas, ou dando o direito de escolha apenas para os meninos. É necessário entender e problematizar, que os papéis para cada gênero são impostos desde o quarto rosa ou azul, a boneca ou a bola, o voleibol ou o futebol, a “dona de casa” ou o “trabalhador”, entre tantos outros; e são utilizados para a manutenção de um sistema que necessita de pessoas inferiorizadas porque por meio da submissão é mais fácil avançar na exploração.

Numerosas respostas trouxeram falas e atitudes de professores que pautavam suas aulas em coisas de meninos e de meninas, além do exemplo do futebol para meninos e voleibol para meninas, o mais citado, outros tantos foram relatados; e trouxeram consigo o cenário onde os meninos escolhiam suas atividades e as meninas eram submetidas a determinadas práticas corporais, além de serem proibidas quando reivindicavam realizar a prática dos meninos. Estranha pensar uma aula onde o professor exclui um gênero da possibilidade de adquirir conhecimento, nunca presenciei ou fiquei sabendo de meninas que não podiam ou não precisavam participar de aulas de geografia, ou meninos em aulas de matemática, por exemplo. Acreditando na relevância dos conhecimentos sobre a cultura corporal do movimento inserir-se na escola, como pensar que esse conhecimento pode ser ofertado apenas para determinado grupo? E não para todos os estudantes? E, ainda, com um viés discriminatório? Ou até para toda comunidade

escolar, que será afetada quando esses estudantes colocarem esses conhecimentos em prática fora do ambiente escolar? É importante entender o papel de formador de opinião que o professor detém e que ao dizer às meninas que elas não podem ou não são capazes de algo, está reproduzindo e produzindo uma cultura opressiva. Além disso:

O fundamental é que esta realidade, proibitiva ou não do pensar e do atuar autênticos, é criação dos homens. Daí ela não pode, por ser histórica, tal como os homens que a criam transformar-se por si só. Os homens que a criam são os mesmos que podem prosseguir transformando-a. (FREIRE, 1981, p8)

Com base nessa perspectiva a mudança cabe aos sujeitos envolvidos, ao amadurecimento dos seres enquanto professores, a consciência de seus direitos por parte dos estudantes, e por fim a transformação da estrutura e da superestrutura pelas mãos da classe trabalhadora.

Muitas vezes a separação por sexos dentro das aulas de EFI se dá para “garantir a segurança” das meninas, pois os meninos seriam mais fortes e não saberiam lidar com as diferenças nos jogos, porém, um fragmento de uma resposta traz exatamente o contrário *“Ele normalmente dava a bola de futebol para os meninos e mandava as meninas caminharem, em um certo dia combinamos com os meninos, antes da aula, que iríamos jogar bola com eles. ELES ACEITARAM. Chegamos na quadra e o professor não deixou, disse que íamos atrapalhar o jogo e que futebol não era pra nós, que devíamos jogar vôlei, caminhar ou fazer abdominais. E complementou com a frase: Futebol não é coisa de menina!”* (Júlia). Muitas vezes a opressão contra a mulher ainda não está enraizada nos meninos, eles convivem com meninas em casa, na rua, em suas brincadeiras e ainda não têm consigo o sentimento de superioridade; ou entendem que diferenças existem entre pessoas, não somente entre sexos, raças, etnias, orientação sexual ou classes sociais, e com isso convivem com pessoas diferentes respeitando os seus direitos, que são iguais aos deles. Então, novamente, a imposição vem por parte do professor, que deveria estar ali para garantir os direitos de aprendizagem para todas/os estudantes, mas que, infinitas vezes, tem a atitude opressora dentro das aulas – segrega, inferioriza e negligencia as meninas, e por seu papel de formador de opinião, faz com que os meninos acreditem ser mais capazes e superiores e as meninas incapazes e inferiores.

Ainda analisando o grupo de respostas que trouxe estereótipos de atividades para meninos e meninas, algumas falas (dentro das 26 que trouxeram esse tema) se destacaram, são elas: *"eu sou o professor e eu decido como funciona"* (Laura), *"dou aula assim há mais de 10 anos e ninguém teve problema com isso"* (Isabella), *"futebol não é pra guria, vocês querem se machucar?"*(Manuela), *"mulher não tem que praticar esporte, tem que cuidar da casa."* (Luiza), *"Futebol não é esporte de mulher"* (Helena), *"se machucou porque foi lá, não deveria ter ido, a culpa é tua... teu lugar é pulando corda/volei com as meninas"* (Valentina), falas que evidenciam imposição, por parte dos professores e da sociedade, de lugares determinados para as meninas. Além de gerar uma reflexão a cerca de que professores são estes. Quais interesses essa educação defende? Fica claro que a EFI, assim como outras aulas e outros professores, reforçam estereótipos que mantém o sistema capitalista funcionando, diferenciando papéis e direitos entre os sexos. Deste modo corrobora com o que vemos no ambiente de trabalho, onde mulheres muitas vezes ganham menos executando o mesmo trabalho que um homem, por exemplo. Trago um trecho de uma resposta que explicita meu pensamento, sobre a perda de conhecimento corporal que isso gera nas meninas, o professor age dessa forma "desconsiderando toda a construção social do que é considerado "coisa de menina" e "coisa de menino", e quais as consequências no repertório motor das/dos estudantes." Mas vou além, isso não gera apenas uma consequência no repertório motor, gera em questões psicológicas e sociais do sujeito, e gera um impacto, "sutil e invisível" na sociedade, reforça a superioridade do homem sobre o homem, justifica a exploração e mantém um sistema que se pauta na injustiça, onde poucos têm muito e muitos têm pouco.

Seguindo a mesma linha, houve diversos relatos sobre aulas de educação física divididas entre meninas e meninos, além disso, algumas justificativas que corroboram com o que diz Louro, (1997, p.57) "Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso.". Trechos esses que mostram a diferença de oportunidades e incentivo de meninos e meninas na EFI, são eles: *"Separação de meninos e meninas na aula porque o prof considerou que: "os meninos são mais habilidosos e se irritam com as meninas que não são boas e acabam ficando desmotivados e as meninas não querem fazer aula"* (Giovana), *"Divisões por sexo, para que as meninas não atrapalhassem os esportes/jogos dos meninos. Atitudes de maneira que as meninas não eram*

obrigadas a participar das aulas caso não quisessem. Que as meninas são mais fracas por isso não misturaria meninas e meninos nas mesmas atividades.” (Maria Eduarda) E *“No Ensino Médio, as atividades da Educação Física consistiam em: guris jogam futebol, meninas fazem "academia". Essa academia não tinha supervisão nem orientação, enquanto o professor ficava arbitrando o Futebol.(...) No 2º ano, assumimos o Grêmio Estudantil do colégio e levamos essa discussão para o Conselho Educacional. Só então conseguimos que o professor fosse afastado e fosse aplicado um programa esportivo. Todos realizavam as atividades em conjunto, sem separação por sexo ou esporte. As trocas das modalidades esportivas passaram a ser mensais. Porém, a prática se tornou opcional. Quem não quisesse praticar, ficava fazendo trabalho sobre o esporte do mês.”* (Beatriz).

Aulas divididas por gênero são bem comuns dentro da EFI escolar, e ilustra o que diz Louro (1997, p.58) *“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui.”*, novamente a escola atribui papéis aos sujeitos e delimita o que cada um pode ou não fazer perpetuando uma cultura de superioridade masculina e que só poderá ser mudada através de luta por nossos direitos, assim como no último relato, onde as meninas se juntaram e conseguiram mudar a realidade da sua escola.

Pensando na desvalorização da EFI, surgiram 4 relatos sobre a não obrigatoriedade da disciplina para determinado gênero, fato que é um desfavor para a consolidação da EFI como disciplina obrigatória no currículo escolar, pois, teoricamente, se esse conhecimento pode ser vedado a determinado grupo não há necessidade da permanência na escola. Em três respostas foram relatados casos da não obrigatoriedade de realizar as atividades para as meninas, são eles: *“Atitudes de maneira que as meninas não eram obrigadas a participar das aulas caso não quisessem.”* (Maria Clara), *“Não fui incentivada a praticar futebol durante minha vida escolar”* (Maria Luiza) e *“Em quase todas as aulas somente meninos faziam aulas, enquanto as meninas ficavam sentadas. Eu como sempre gostei de esportes me misturava no meio dos meninos, mas o restante das meninas passava a aula somente observando.”*(Heloísa), onde deixa claro que a participação das meninas em aula era decisão única e exclusivamente delas, meninas essas que, na sociedade em geral, não são incentivadas a praticar atividade física e têm em suas aulas de EFI novamente essa falta de incentivo latente.

Houve relatos que abordaram questões ligadas à sexualidade, fazendo uma ligação de determinada prática com a sexualidade do estudante ou demonstrando atitudes homofóbicas, cito: *“Professor sempre falava que futebol não era coisa de menina, e quando a menina ia jogar futebol com os meninos, era vista como “diferente” e a sexualidade posta em dúvida.”* (Mariana), *“Não me lembro bem, mas sempre vi professores rirem de alunos que não gostam de educação física por não se sentirem à vontade com a sexualidade na adolescência.”* (Lara) e *“Ignorou atendimento a um sabido aluno homossexual”* (Lívia). É necessário entender que as práticas corporais não são *generificadas*, que a sexualidade não está ligada a determinados comportamentos (ou práticas corporais nesse caso) e que todas/os devem ser tratados de forma igual dentro de nossas aulas.

Surgiram também falas onde o professor inferiorizava as mulheres, alguns exemplos dessas falas são: *“As meninas são mais fracas por isso não misturaria meninas e meninos nas mesmas atividades.”* (Lorena), *“Mulher não sabe jogar futebol, só atrapalha em campo”* (Ana Clara) e *“Você não tem força pra fazer esse saque”* (Isadora). Como se apenas por serem do sexo feminino seriam incapazes de algo, vários questionamentos surgem daí, dos mais individuais aos mais coletivos. As práticas corporais requerem apenas força? Todo homem é mais forte que toda mulher? O fato de que em alguns casos as mulheres têm um desempenho motor inferior aos homens se deve a questões de força ou de falta de incentivo por parte dos professores e da sociedade? A força é uma habilidade inata ou socialmente construída? Essa inferioridade pregada dentro das aulas de EFI pode deixar marcas nessas mulheres? Nosso intuito com esse trabalho não é de responder a todas essas perguntas, mas de contribuir com suporte para essas e outras reflexões. Acrescento nessas reflexões a seguinte citação, *“O desempenho dos alunos remete-nos diretamente à necessidade de se considerarem aspectos relativos à formação do professor”*, (PCN’s, 1997, p.21) o que faz pensar que a responsabilidade pelas condições da educação não é apenas do professor. É necessário o entendimento de que este sujeito muitas vezes trabalha em uma escola sucateada, tem uma formação onde muitas vezes não são debatidas questões de gênero, racismo e homofobia, tem salários baixos e cargas horárias exaustivas, e desta forma a “culpa” não lhe pode ser atribuída, sem entender que todo esse desfecho machista/sexista (opressivo em geral) é resultante de um problema estrutural e ideológico. Mas que a educação é de responsabilidade do estado e que esta precarizada devido a

múltiplas determinações que sintetizam esse problema, entendendo que a prática docente é apenas uma forma onde essa realidade opressiva se manifesta e que é fruto de uma estrutura que não deixa tempo para a reflexão e faz com que os sujeitos oprimam seus iguais, mantendo um sistema que visa apenas a exploração do trabalho.

Ainda neste sentido surge relato de uma frase clássica e perpetuada como piada, mas que gera um grande impacto quando pensamos nos significados que traz, é ela; *“Joga igual menininha.”* (Rafaela). É necessário que se perceba que quando dizemos que a pessoa “corre igual menininha” ou “chuta igual homem” estamos dizendo que há uma forma certa e é a forma masculina de executar aquele gesto, (digo isso entendendo que há várias formas de masculinidade e feminidade, as quais não serão aprofundadas no presente estudo) e, além disso, ridicularizando a forma como as mulheres jogam, chutam, correm ou tantos outros exemplos. É importante pensar como uma menina se sente ao ver em sua aula de EFI escolar, um colega menino jogando mal, ouvir: “joga igual menininha”; e uma colega menina jogando bem ouvir: “joga melhor que os guris”, como se o sexo fosse determinante nas habilidades motoras, quando são meros complementos indicativos de algumas características biológicas; ao falar de esporte escolar, por exemplo, pouco determina rendimento, já o estímulo sim, é um determinante forte nesse caso.

Houve também relatos de atitudes sexistas com homens, apareceram em 3 questionários num total de 143, explicitaram representações e estereótipos de acordo com cada sexo (GLICK & FISKE, 1996 apud FORMIGA, 2002) e de sexualidade como, por exemplo, *“Professor mandava aluno correr como “homem”, já que parecia uma “bixinha”.*” (Sarah), reforçando que há estereótipos relativos aos sexos e ligando-os à sexualidade do referido sujeito. Houve relato também ligado a estereótipos relacionados a determinada prática corporal, como nesse trecho: *“Forçar eu como homem praticar na aula somente o futebol com meninos e não vôlei (esporte de minha preferência) pois estes eram destinados às meninas.”* (Eduardo), privando esse sujeito de ampliar seu repertório motor, tal qual é feito em maior escala com as meninas, além de reforçar estereótipos de gênero. E, por último, um relato referente a desempenho motor, *“ficar desmerecendo os meninos menos ativos da turma e incentivando aos demais praticarem bullying com ele”* (Lucas), fato ligado ao estereótipo de que homem deveria ser forte, rápido e ativo; e contrapondo o fato, comprovado em outros relatos, de que as meninas pouco são cobradas na EFI, pois

para elas o estereótipo é de incapacidade ou desinteresse por atividade física. Cabe falar sobre o bullying, que nada mais é do que uma forma de opressão camuflada como “brincadeira” e que esta presente em grande escala no ambiente escolar.

E o quarto relato onde o contrário acontecera “*alunos dispensados da aula de dança (meninas não)*” (Yasmin) a controvérsia entre esses três relatos gera uma reflexão importante; nos dois primeiros, para as meninas não havia obrigatoriedade, no terceiro isso ocorria com os meninos, e então se observa que o relato traz uma prática específica, a dança, prática essa que é estereotipada como algo feminino, deslegitimando a importância desse conhecimento para o gênero masculino. Cabe ressaltar a importância de conhecimentos referentes à cultura corporal do movimento, suas práticas e desdobramentos dentro da sociedade, mesmo sendo óbvia a importância desse conhecimento para todos os estudantes.

Quando se trata da intervenção do professor quanto a atitudes preconceituosas de colegas, surgem relatos como: “*No ensino médio eu tinha um colega que me incomodava muito e falava absurdos, como "tu pensa que é quem pra ta aqui jogando com nós, tu é um verme, machorra.." e o fato dxs professores não escracharem ele em público fez com que essas práticas se prolongassem.*”(Leticia), além de outros dois relatando abstenção dos professores quanto a comentários machistas e preconceituosos. Nesse sentido cabe a reflexão sobre o Artigo 4º do projeto de lei 867-2015 (IZALCI, 2015, p.2) que prevê que o professor deverá “V - respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções;”, que condena a interferência das/os professoras/es em questões morais, ou seja, a categoria docente não poderia interferir em atitudes machistas, racistas e homofóbicas, por exemplo, excluindo uma concepção de papel social da escola. Entendendo a educação escolar como algo puramente conteudista, deslocada de questões sociais e como um espaço conivente com as opressões vigentes na sociedade.

Surgem também relatos envolvendo roupas como, por exemplo: “*As meninas não podiam usar uma bermuda no calor, enquanto que os meninos podiam tirar a camisa durante a aula.*” (Nicole), ressaltando o comportamento permissivo da escola, e da sociedade, quando trata dos homens e muito mais rígido com as mulheres. Além da ligação direta da vestimenta com questões sexuais como nos trechos: “*há também os olhares que alguns professores lançavam para as alunas que usavam short, ou saia, alguns comentários como gostosa*” (Gabriela), “*Críticas*

ao uso inapropriado de vestimenta, como por exemplo, saias." (Melissa) e *"vem de calça jeans pros gurus não te olharem de short né, malandra."* (Cecília), perpetuando a máxima de que abusos e assédios são recorrentes de vestimentas inapropriadas e não da cultura machista na qual estamos imersos.

Entre todos esses relatos e falas, surgem várias (14 para ser mais exata) que relatam casos de possível abusos ou assédios por parte do professor, mostrando que a violência contra a mulher, independente da forma, está sim presente dentro de nossas escolas, assim como dentro nossas casas e impregnada em nossa sociedade. Trago um trecho que mostra claramente um tipo de violência contra a mulher, a simbólica: *"Jogar bola é coisa de guri, guria tem que jogar volei ou pular corda pra deixar vocês em forma, se não ninguém vai olhar pra vocês."* (Esther). Fala esta que objetifica o corpo da mulher, como se fôssemos produtos, que devem ser atrativos para terceiros (os homens), e não como algo que nos pertence e que deve estar a serviço das nossas vontades. É de extrema importância entender essa visão porque remete à EFI escolar como mera forma de condicionamento de corpos, voltada para aptidão física e não como uma disciplina pertinente à cultura corporal do movimento; conversando sobre essas e outras problemáticas, envoltas em nossos corpos, e como estes se movimentam dando ferramentas para a formação de sujeitos mais críticos, capazes de entender que o nosso corpo faz parte do que somos e expressa para o mundo exterior coisas que muitas vezes não conseguimos através da fala ou escrita, por exemplo.

Foram diversos também os casos de assédio por parte dos professores de Educação Física, trouxe três deles, presentes diariamente na vida das mulheres em lugares públicos, e na escola não se faz diferente (mas deveria), são eles: *"Esse professor sempre tentava passar a mão nas alunas quando as encontrava pelos corredores e sempre olhava às alunas de uma forma incomum e desconfortável enquanto pedia que alongássemos. Mas uma situação específica me marcou: após o término das férias, ele emitiu grosseiros e nojentos "elogios" sobre o meu bronzeado e sobre os meus seios. Desde então, passou a me chamar apenas de morena jambo, lançando olhares extremamente abusivos."*(Clara), *"Em um certo dia todas as meninas estavam sentadas em uma mesa conversando durante a aula e ele chegou e perguntou o que estávamos fazendo, uma das meninas estava inclinada na mesa e o professor chegou por trás dela e falou: Tu "ta" bem bonita hoje*

heim!! E olhou para o corpo dela com um ar de flerte.” (Marina) e “Durante meu ensino fundamental o professor falava das alunas (como eram gostosas, etc) com os seus alunos.” (Rebeca). Acredito que esses relatos por si só já mostrem o quão repugnante são esses atos, mas atento para a necessidade de entender a imensidão da qual esse tipo de comportamento faz parte, isso é apenas um grão de areia em uma cultura onde a mulher é objetificada e inferiorizada.

Comportamentos como esses são vivenciados diariamente por todas as mulheres e geram impactos absurdos, tais como o medo constante, simplesmente por sermos mulheres e estarmos vulneráveis a todos os tipos de violência. Relativizando apenas o papel do professor citado anteriormente, se sou menino e vejo meu professor (assim como vários homens de referência na vida deles, pais, tios, avós...) se portar de forma abusiva com as mulheres, acabo por naturalizar essa cultura extremamente machista; e, a partir daí, reproduzo-a, e sendo menina, sofrendo assédio ou abuso por parte de um professor, acabo por naturalizar esse papel inferior imputado a mim, e muitas vezes me culpabilizo, como se fosse natural no comportamento do homem e as mulheres “estivessem pedindo” ou “merecessem”.

Ao perguntar se “Você considera que atitudes como estas produzam algum impacto (individual ou coletivo)?” 88% das respostas foram sim, e apenas 12% não. Analisando essas respostas por sexo obtivemos diferença, que é expressa através desse gráfico:



Pode-se observar entre os homens um percentual maior de respostas dizendo não acreditar em impactos recorrentes de atitudes machistas/sexistas tomadas por professores de EFI escolar. Algo que novamente pode ser causado pelo fato de, na

maioria das situações, esses casos acontecerem com mulheres, gerando uma falta de empatia em parte dos homens e menos reflexões sobre questões de gênero.

Logo após foi perguntado “Se sim qual/quais?” e obtivemos 108 respostas divididas em duas situações de investigação: (1) as respostas alegavam um impacto mais coletivo e (2) aquelas com impacto mais aproximado do individual. A mesma resposta pode fazer parte dos dois grupos criados apenas para apontar alguns possíveis impactos e em momento algum comprová-los, pois este não é o objetivo do estudo. Trago abaixo alguns trechos que vão ao encontro do que foi falado durante todo o trabalho.

Analisando as respostas de caráter mais individual, trago trechos que citam alguns possíveis impactos nesses sujeitos que sofreram atitudes machistas/sexistas vindas de professores de EFI escolar, são eles: *“Este tipo de comportamento não só oprime o indivíduo no momento em que ocorre, como cultiva uma sensação de que, por acontecer com tamanha frequência, são situações normais, naturais, completamente aceitáveis. A ponto de fazer com que quem sofre essas ações, passe a não perceber que está sendo submetida às suas consequências e então não seja capaz de perceber outros episódio de mesmo teor em outros campos da sua vida.”* (Vitória). Trecho que traz a naturalização das opressões e como ela pode ser atribuída, em partes, ao professor, ou a membros da família, por exemplo, gerando uma falta de pensamento crítico quanto às opressões na sociedade.

Outro trecho fala especificamente sobre estereótipos de gênero é ele: *“Sim, pois acaba incentivando e perpetuando a ideia que existem “coisas” para cada gênero. Além de nos privar de vivenciar diferentes tipos de esportes, jogos e brincadeiras. E isso acaba por impactar em no aspecto motor, social e afetivo.”* (Isís) e se aproxima de outro trecho que problematiza as possíveis consequências e desdobramentos tardios de práticas diferenciadas entre os gêneros, é ele: *“Inúmeros impactos, os mais comuns é a desmotivação das meninas em participarem das aulas de educação física, o que leva a outros problemas mais tarde, como falta de experiências motoras e cognitivas, o fato das meninas não se sentirem a vontade nas aulas de educação física quando está de shorts ou leg, o psicológico que faz com que elas achem que não podem/precisam praticar esportes/atividades físicas somente por serem mulheres, medo de ser repreendida pelo professor, a exclusão das meninas perante aos meninos na aula.”* (Lavínia).

Além desses, trago um que aponta para impactos em vários âmbitos da vida dessa/desse estudante: *“Traumas psicológicos individuais carregados para a vida, recusa à participação na Educação Física, timidez diante da turma, segregação entre meninas e meninas, exclusão social, mau desempenho na disciplina e em geral, desenvolvimento intelectual voltado ao pensamento e atitudes preconceituosas e machistas, falta de autoconfiança, baixa estima, rancor, temperamentos negativos na turma e na escola, falta de aprendizagem no processo como um todo e desinteresse parcial, de algo, ou pleno relacionado ao ensino/estudos.”* (Maria).

É possível apontar que na grande maioria das respostas há algo relacionado à aderência dessas meninas as aulas de Educação Física, trazendo como um possível impacto a desmotivação das mesmas nas aulas, seja por entender que ali não seria seu lugar, pela falta de repertório motor ou por ter sofrido assédios/abusos por parte de seu professor, por exemplo. Ao ver em nossas aulas uma realidade na qual as meninas, em alguns casos, têm aversão à atividade física, ou desempenham determinada atividade de forma inferior aos meninos é preciso pensar o quanto nossa prática influi nisso. Alguns questionamentos devem ser feitos sobre essa prática, como por exemplo: estímulo às estudantes as quais dou aula a praticar as atividades? Trato todas/os de maneira igual em minhas aulas? Dou as mesmas condições de prática, níveis de dificuldade, progressões, situações problema, tempo de prática, instruções, feedback, entre outros, para todas/os? Reflito sobre minha prática a ponto de trazer para minha consciência fatos opressivos de minha aula? E, além disso, propicio uma aula onde haja essa reflexão em conjunto com a turma?

Após todos esses questionamentos, e dependendo das respostas, se essas estudantes continuam com os mesmos comportamentos em nossas aulas, surgem reflexões tais quais: Como eram as práticas dos professores de EFI anteriores a mim? E dos professores de outras matérias? E o que essa estudante aprendeu em casa sobre machismo/sexismo (ou o que ela vivenciou)? E na mídia? Como é a representatividade feminina nos esportes? E como a sociedade enxerga a mulher? Entre tantas outras. Só assim nos aproximaremos de como se forja essa cultura machista e que tenta a todo tempo diminuir o potencial das mulheres. Penso que é nosso papel, problematizar e desconstruir essa realidade, não como detentores do conhecimento e/ou “salvadores da pátria”, mas sim como mediadores de debates que tragam esses elementos para nossas aulas e ajudem esses estudantes na

reflexão e possível mudança de atitude quanto às opressões que vivenciamos diariamente.

Já nas respostas que apontam impactos mais individuais se destacam alguns trechos, são eles: “Os professores são formadores de opiniões e tendo em mente que muitas vezes o professor de educação física é o professor com quem as/os estudantes estabelecem laços mais estreitos, tendo assim uma grande influência na formação das/os mesmas/os. Desta maneira, o professor de educação física passa a influenciar mais seus alunos, o que pode fazer com que estes formem opiniões preconceituosas.” (Bianca), “Falta de consciência de gênero, incentiva os alunos a terem a mesma atitude, porque se o "mestre" que é o professor tem atitudes machistas os alunos tomam como exemplo e como correto.” (Larissa) e “Acredito que atitudes como estas ajudam a reforçar atitudes sexistas, bem como mostram o despreparo dos professores em relação à questão de gênero. Outro ponto importante, é que o professor é uma referência para os alunos, participa da sua construção biopsicosocial, com as suas atitudes influencia os alunos em diversos fatores, não só nos conteúdos programáticos, também com as suas crenças e valores transmitidos na aula.” (Alícia). Todos esses impactos, entre outros, trazem a relevância do papel do professor na formação desses estudantes, fazem pensar que realmente deixamos reflexos na vida dos estudantes que passam por nossas aulas, e o quão importante é que esses reflexos sejam positivos para elas/eles e intencionais de nossa parte, gerando um legado não só de respostas, mas, também, de perguntas.

Nesse sentido é importante a reflexão e o posicionamento em relação ao Projeto de Lei 867/2015 (IZALCI³, 2015), que torna proibido dentro da escola temas que, segunda essa PL, seriam uma doutrinação política. Analisando o documento é possível prever a exclusão do debate de gênero, ou de opressões em geral, tal qual temas como sexualidade, por exemplo. Da mesma forma, a retirada da “ideologia de gênero” das PEE e PNE⁴, onde a expressão “identidade de gênero” foi retirada e

³ DISTRITO FEDERAL. Câmara dos deputados. Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o “Programa Escola sem Partido”. 867-2015. Apenso a PL-7180/2014.

⁴ Houve esforços por parte da pesquisadora e de sua orientadora em acessar as versões finais dos PEE e PNE, entretanto não obtivemos esse acesso. Trago como referência notícia disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/plano-estadual-de-educacao-do-rs-e-aprovado-em-referencias-genero.html>>

colocada expressões mais amplas e genéricas em seu lugar, como “respeito aos direitos humanos” e “combate aos preconceitos” não prevendo nenhum debate sobre o tema no âmbito escolar. Porém é necessário entender que tais temas não se tratam de doutrinação, palavra que aparece diversas vezes no documento da “escola sem partido”, mas sim de debates e de aprendizados sobre questões do cotidiano da vida em sociedade, e que devem, sim, serem problematizados. É necessário que haja autonomia para que o professor consiga tratar de temas como opressões contra as mulheres, raciais ou contra lgbts, pois a escola é um local onde elas estão permanentemente à mostra, além de ser um lugar “preparatório” para a vida adulta.

Alguns trechos de respostas deixam mais claro uma ideia de produção e reprodução de uma cultura machista, de estereótipos de gênero e possíveis desdobramentos sobre a adesão de mulheres ao esporte, são eles: *“É deduzir de maneira opressiva que meninas não sabem ou não gostam de jogar futebol, sendo que todos são livres para gostar do que quiserem. É por essa cultura machista a qual vivenciamos que muitas de nós desistem de exercer atividades que sejam classificadas como “coisa de homem”.*” (Amanda) e *“Por um lado, tive muito incentivo para a área esportiva, mas sempre tive que ir atrás e provar que podia fazer. Isso moldou muito do que eu sou hoje. Por outro, vejo que a falta de incentivo à prática esportiva na primeira infância e nos anos escolares iniciais trazem dificuldades motoras para as mulheres adultas. Não é que mulher não saiba correr, por exemplo, é que ela nunca foi incentivada a fazer quando isso seria desenvolvido naturalmente e depois não foi ensinada a fazer. Além disso, uma prática esportiva separada, com focos diferenciados, tende a manter o ciclo de que mulher não serve para esportes, que mulher deve ser delicada e feminina. Em conjunto com outras práticas, perpetuam o machismo.”* (Ana). Ao ver a diferença discrepante de mulheres nos esportes, ou a valorização das mesmas em relação aos homens, é preciso entender um ciclo, que parte desde a infância onde os meninos ganham bolas e as meninas bonecas, passa pela mídia, pelos professores, pela família, e chega à vida adulta onde a mulher é responsável pela casa. O que dificulta às mulheres ganharem apreço por determinada atividade física ou esporte ou seguirem investindo no mesmo, consolidando ainda mais a ideia de que “mulheres não gostam de esportes”, quando na verdade não nos são dados os mesmos estímulos e condições que para os homens.

Diante do número alto de relatos de abusos e assédios por parte dos professores, trago um relato nesse sentido: *“Geram prejuízos enormes na sociedade, perpetuando o discurso de que a mulher é um objeto sexual e sempre será culpado por qualquer coisa que aconteça em relação ao seu corpo.”* (Marcela). Assim como em toda a sociedade, na escola também são oferecidos elementos que perpetuam a ideia de que apenas o sujeito é responsável pelo seu corpo; e como dito na citação acima, na maior parte das vezes a mulher é culpada por qualquer ação feita contra ela, “culpabilização da vítima”, isso é feito através da impunidade em crimes contra as mulheres, ou de forma simbólica em propagandas que tornam os corpos femininos meros objetos, deixando entender que, por exemplo, com determinadas roupas essas mulheres deveriam ser assediadas.

Concluo os trechos com um que resume de forma rápida muito do que foi falado até então neste trabalho: *“Tais atitudes contribuem na formação de um senso comum sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, além de naturalizar expressões de pensamento e de vida como próprias a uns e inadequadas a outros. Não há algo que seja unicamente relacionado a homens ou a mulheres. Antes disso, deveríamos então discutir o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade atual... Basicamente, temos algumas diferenças biológicas entre os sexos (e que podem ser mais de 2, se formos problematizar mais ainda a questão). No entanto, a maioria das outras diferenças que temos entre mulheres e homens deve-se a construções sociais internalizadas nos ambientes de cultura em que cresceram tais indivíduos. Não nascemos "mulher"; não nascemos "homem"; tornamo-nos com o tempo! Somos sujeitos biopsicossociais!”* (Gisele). Muitos são os questionamentos, como traz o trecho acima, devido a limitações deste estudo não me deterei a eles; entretanto, cabe ressaltar o direito de todas/os sobre condições iguais, além de entender que não há “caixinhas” onde devemos nos encaixar, cada um é único, com particularidades e essas devem ser respeitadas e entendidas pelos demais, não há uma forma correta de ser mulher.

Após todos esses dados apresentados é necessário, novamente, afirmar que o problema central não é o professor, o indivíduo, todos esses desdobramentos são oriundos de uma escola que está a serviço do estado e colabora na manutenção do sistema capitalista, sistema esse que gera toda uma estrutura, como dito anteriormente, logo, estamos diante de um problema de ordem estrutural e que se mantém através da ideologia. Ao professor, com suas péssimas condições de

trabalho, e sua formação limitada não se deve a culpa, mas sim a necessidade de reflexão sobre a sua prática, a ponto de entender que o sistema que não lhe dá condições dignas é o mesmo que ele ajuda a manter com atitudes opressivas. Cabe a nós como sujeitos nos colocarmos em luta, pela educação, mas também por condições dignas de vida, e enquanto professores, dar ferramentas para que esse estudante enxergue a real realidade e reflita sobre ela, e se esse assim como eu, for contrário a essa realidade (esse sistema) se junte a tantos outros nessa luta por um mundo mais justo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos resultados concluo, que assim como na sociedade, na escola estamos imersos em um ambiente extremamente opressivo, onde foram identificados diversas atitudes machistas/sexistas por parte dos professores de EFI. Ao pensarmos machismo/sexismo temos na EFI um ambiente que possibilita uma maior expressão dessas opressões, por ser uma aula onde há uma maior interação interpessoal, desta forma cabe a/aos docentes de EFI uma reflexão ainda mais aprofundada sobre o tema tratado nesse trabalho.

Uma possível limitação deste estudo é sua metodologia, acreditamos que se o fosse feito através de observações em campo teríamos alguns resultados diferentes e teríamos uma proximidade maior com a realidade escolar. Entretanto, por entender que a presença da pesquisadora geraria uma regulação por parte das/os professoras/es, para não demonstrar atitudes opressivas, demandaria muito tempo de observação até que essas atitudes aparecessem, tempo que não obtínhamos durante o decorrer da pesquisa, portanto, foi escolhido outro método. Por entender que a cultura opressiva esta muita enraizada penso que mesmo com a presença de uma observadora, em algum momento, essas práticas sexistas/machistas apareceriam, pois é algo comum em nosso cotidiano.

Outra limitação do estudo é sua população, por ter sido feito através de um questionário online divulgado em uma rede social da pesquisadora, a amostra ficou caracterizada com um grande número de mulheres, brancas e moradores do RS. Penso que com uma amostra maior e mais heterogênea as respostas poderiam ser mais diversas, enriquecendo ainda mais o estudo. Ao analisar os dados sobre possíveis impactos decorrentes de atitudes sexistas/machistas é notória a diferença de respostas entre homens e mulheres, dentro dos homens o número de respostas que acreditam não haver impacto é muito maior que entre as mulheres, desta forma, acredito, que se mais homens tivessem respondido essa diferença seria ainda maior.

Ao observarmos o cenário da educação pública atual nos deparamos com diversos problemas, é necessário entender que é preciso uma mudança no campo da ideologia, com reflexões aprofundadas de temas sociais dentro da escola, por

exemplo, e que a partir dessa mudança, ocorra também uma luta ampla pelos direitos a educação, e todos os outros que o estado deve promover, com o intuito da alteração dessa estrutura na qual vivemos. E utilizando alguns relatos deste trabalho, perceber que enquanto categoria docente deixamos “marcas” nessas/es estudantes e que essas precisam estar a favor dos direitos da classe trabalhadora.

Este estudo se propôs a identificar atitudes sexistas/machistas dentro do ambiente escolar e problematizar basicamente suas causas e possíveis desdobramentos, é necessário que essa reflexão seja aprofundada devido a relevância do tema. Além disso, estudos que identifiquem e analisem os impactos dessas atitudes na vida dessas/desses estudantes, tanto diretos quanto indiretos, se fazem necessários, para entendermos a real dimensão das consequências que nossa prática gera, além de trazer referências para comprovar que temos sim um papel importante na luta por uma sociedade mais justa, sem desigualdade e opressões.

Concluo com a frase dita por Darcy Ribeiro em um congresso da SBPC em 1977: "A Crise da Educação no Brasil não é uma Crise, é um Projeto".

REFERÊNCIAS

CHAGAS, E. Educação Física: Escola de formação do corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Santa Maria. V.15, Jan.1994.

DARIDO, S. C.; RAMOS, G. N. S. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, v. 1, n. 15, p.17-32, jun. 2001.

DELAVECHIA, A. S. **Contribuições aos estudos sobre Adolescentes na EJA: na perspectiva da Classe Trabalhadora**. 2015. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Cap. 4.

DISTRITO FEDERAL. **Câmara dos deputados. Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o “Programa Escola sem Partido”**. 867-2015. Apenso a PL-7180/2014.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, n.115, p.139-154, jul. 2001.

FORMIGA, N. S.; GOLVEIA, V. V.; SANTOS, M. N. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p.103-111, jun. 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Editora Paz e terra, 2014.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gênero e das sexualidade e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, p. 71-83, 2010.

GOELLNER, S. V. A importância do conhecimento histórico na formação de professores de Educação Física e a desconstrução da História no singular. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, p. 37-55, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. ENTRE O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO”: PENSANDO SAÍDAS DO NÃO-LUGAR DA EF ESCOLAR I. **Cadernos de Formação Rbce**, Ijuí, p. 9-24. set. 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de formação RbCE**, v. 1, n. 2, 2010.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

LEITE, Julia; SANTOS, Karen Moraes dos. As opressões a serviço da exploração do indivíduo na sociedade capitalista: pela superação da sociedade classista, por um sistema socialista! In: Executiva nacional de estudantes de educação física (org.). **Caderno de debates**. 15. ed. Porto Alegre: Exneef, 2012. Cap. 3. p. 31-50.

LIMA, R. S. de; BUENO, S. **Anuário brasileiro de segurança pública**. In: Fórum brasileiro de segurança pública. 2015. p.1. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/10/9-Anuario-Brasileiro-de-Seguranca-Publica-FSB_2015.pdf>. Acesso em: 9 de junho 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. **Vozes**, Petrópolis (RJ), p.184, 1997.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, K. *et al.* **A mulher e a Luta pelo Socialismo**. Clássicos do Marxismo. Editora Sundermann, 2012.

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. Secretaria de Educação Fundamental. **Brasília: MEC/SEF**, v. 1998, p. 2000, 1997.

Parâmetros curriculares nacionais: reflexões e críticas. **Motriz**, v.7, n.1, p.S77-S83, 1997. Suplemento.

SOARES. C. L.; GOELLNER, S. V. O elogio a diferença: o avesso da segregação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Santa Maria. Jan/1994.

TOLEDO, C. **Mulheres**: o gênero nos une, a classe nos divide. Cadernos Marxistas, 2001.

VARELA, Julia & ÁLVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.6, 1992. p.1-16.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO TCC

Este é um convite para você participar da pesquisa "ATITUDES SEXISTAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DURANTE SUAS AULAS: RELATOS E REFLEXÕES." Que tem como público alvo estudantes e/ou ex-estudantes que tenham tido aulas de Educação Física na escola, e como objetivo " Identificar, descrever e problematizar atitudes sexistas tomadas por professores de Educação Física na Escola.". Pesquisa esta constituinte do Trabalho de Conclusão de Curso da graduanda em Educação Física Victória Leizer dos Santos Hostyn e sob orientação da docente Laura Souza Fonseca, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Responder a esta pesquisa não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário apresentará caráter anônimo e deverá ser respondido individualmente. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será divulgado em nenhum momento. A divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos.

Você não terá benefícios pessoais diretos ao participar da pesquisa, mas contribuirá para o aprofundamento desse assunto no âmbito da produção acadêmica. Assim você poderá ser beneficiado indiretamente. O pesquisador não terá nenhum benefício pessoal/financeiro com esta pesquisa, exceto a produção acadêmica dele decorrente. Não estamos prevendo que você venha a ter quaisquer despesas ou danos em decorrência de sua participação, apenas o investimento de parte de seu tempo na resposta do questionário.

Lembramos que, por se tratar de uma pesquisa "online", ela não está isenta de falhas técnicas decorrentes dessa modalidade de coleta de dados (problemas de sistema; indisponibilidade provisória das páginas; perda das informações e necessidade de reinserção dos dados). Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através do e-mail da pesquisadora responsável: Victoriahostyn@hotmail.com. Ao assinalar a opção "aceito participar", a seguir, você atesta sua anuência com esta pesquisa, declarando que compreendeu seus objetivos, a forma como ela será realizada e os benefícios envolvidos, conforme descrição aqui efetuada.

*Obrigatório

Aceito participar. *

PRÓXIMA



33% concluído

*Obrigatório

Dados

Nome completo:

Sua resposta

Sexo: *

- Feminino
- Masculino

Idade: *

Sua resposta

Raça/etnia: *

- Preto
- Branco
- Pardo
- Amarelo
- Indígena

Estado: *

Escolher ▼

Cidade em que reside: *

Sua resposta

Qual tipo de instituição você estudou? E durante qual (is) etapa (as)? *

| | Pública | Privada | Ambas |
|--------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| Educação Infantil | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Ensino Fundamental | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Ensino Médio | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

VOLTAR

PRÓXIMA

 66% concluído

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

1. Você já presenciou/vivenciou atitude sexista/machista vinda de um professor de Educação Física em aula?

- Sim
- Não

Se sim relate com detalhes essa atitude (falas, expressões, ambiente, contexto e etc.)

Sua resposta

2. Você considera que atitudes como esta produza algum impacto (individual ou coletivo)?

- Sim
- Não

Se sim qual/quais?

Sua resposta

VOLTAR

ENVIAR

 100% concluído.

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.